

GUERRA RUSSO-UCRANIANA JÁ ULTRAPASSOU A CAMPANHA SOVIÉTICA CONTRA A ALEMANHA NAZISTA

A guerra Russo-Ucraniana, em seu quarto ano, atinge um marco sombrio, superando conflitos históricos; entre lentos avanços russos, novas tecnologias militares e crises regionais interligadas, o cenário geopolítico global é redefinido, desafiando hegemonias e a própria noção de paz.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Esta semana, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, que já está em seu quarto ano, registrou mais um triste marco. O conflito atingiu 1.425 dias na segunda-feira, ultrapassando oficialmente toda a campanha histórica soviética contra a Alemanha, que durou 1.418 dias, de junho de 1941 a maio de 1945. As forças do Exército Vermelho eventualmente expulsaram as tropas alemãs de volta para Berlim, através do rio Volga, antes de capturar a capital. Mas na guerra atual, o dia 1.425 é apenas mais um em uma longa e irrestrita guerra de atrito, onde se acredita que cada lado tenha perdido centenas de milhares de soldados.

A Rússia, sem dúvida, tem a vantagem e o ímpeto no campo de batalha, mas tem sido um processo lento e mortal. O jornal *The Times* de Londres noticiou na última segunda-feira que, apesar dos combates prolongados, os avanços russos na região de Donetsk alcançaram aproximadamente 48 quilômetros das posições originais.

Embora sempre tenhamos afirmado que o objetivo não é o território, mas sim, desde o primeiro dia, a Rússia almeja “*desmilitarizar e desnazificar*”, o que implica destruir as forças militares inimigas e degradar seu poder de combate, a narrativa ocidental atribui outro objetivo à Rússia: a conquista de territórios, que, embora importante, não é o objetivo final.

As forças armadas da Ucrânia foram amplamente reforçadas por bilhões de dólares em armas, treinamento e financiamento fornecidos pela OTAN e pelos apoiadores ocidentais de Zelensky.

OS MORTOS

Um estudo recente da *BBC* e da *Mediazona*, ambas emissoras predominantemente anti-Putin, revelou que pelo menos 160.000 soldados russos morreram, mas o número real pode ser significativamente maior. Também pode ser menor, já que as fontes ocidentais têm incentivos para exagerar para fins de propaganda (assim como a Rússia teria incentivos para subestimar). Para quem nos acompanha há quatro anos, isso faz parte do que chamamos de Névoa da Guerra 2.0.

Ao mesmo tempo, a maioria dos relatórios internacionais e observadores de guerra indicam que as baixas na Ucrânia podem ser muito maiores. Uma geração inteira de jovens está sendo dizimada.

Os esforços do governo Trump para alcançar a paz fracassaram até agora, mas pelo menos as linhas de comunicação entre Washington e Moscou permanecem abertas.

De outras perspectivas, analistas sérios argumentam, com razão, que as negociações de paz patrocinadas pelos EUA podem ser uma medida para “*ganhar tempo para permitir que o debilitado sistema militar da OTAN se reabasteça e se rearme*”.

Há algum tempo, e sem interrupção, como noticiado pelo *The Wall Street Journal* e

pela *Reuters*, os Estados Unidos vêm fornecendo à Ucrânia informações de inteligência sobre alvos de infraestrutura energética de longo alcance na Rússia, além de considerarem o envio de mísseis para Kiev que poderiam ser usados em tais ataques. Nos últimos dias, soubemos das informações de inteligência fornecidas pelos Estados Unidos a respeito de um ataque à residência de Putin.

CAMPO DE BATALHA

Como o coronel (reformado) Jorge F. Duran nos lembra em seu relatório semanal: *“Após a aniquilação das tropas ucranianas em Krasnoarmeisk (Prokrovsk) e Myrnohrad (Dimitrow), a Rússia mudou seu objetivo operacional para a aniquilação das forças ucranianas em Kramatorsk-Sloviansk, alcançando assim a libertação de Donbass e cumprindo uma parte importante da Diretiva Estratégica de Putin de 24 de fevereiro de 2022.”*

E de acordo com sua análise: *“O principal esforço operacional será do Comando Operacional Sul, encarregado de aniquilar as forças ucranianas em Sloviansk-Kramatorsk, com dois esforços operacionais secundários conduzidos pelos Comandos Operacionais Ocidental e Central.*

O Comando Operacional Sul, ao norte de Pokrovsk, tem dois eixos de avanço: um, após a libertação de Siversk, em direção a Sloviansk, e o outro em direção a Konstantinovka com o objetivo de Kramatorsk.”

Podemos também mencionar que as autoridades ucranianas alertaram que as tropas russas estão preparando novas ofensivas no norte, incluindo áreas próximas à cidade de Sumy, num momento em que o conflito ainda se encontra apenas no nível legal de uma “operação militar especial” aos olhos do Kremlin, e não em um estado de guerra declarado que possa exigir mobilização social — algo que a Rússia ainda não empreendeu.

Como já mencionamos, na Ucrânia, a guerra criou o maior exército da Europa, como detalha uma análise recente do *Wall Street Journal*: *“Quando a guerra com a Rússia finalmente terminar, a Ucrânia terá um exército maior e mais bem treinado do que qualquer um de seus aliados europeus.”*

Encontrar o dinheiro e o pessoal necessários para manter 800 mil soldados e um extenso arsenal, ao mesmo tempo em que se desenvolvem novas capacidades, será uma das tarefas mais difíceis do governo ucraniano no período imediatamente posterior à guerra.

Líderes da União Europeia anunciaram recentemente que emprestariam à Ucrânia € 90 bilhões (cerca de US\$ 105 bilhões) para combater uma iminente crise de liquidez em Kiev e ajudar os militares ucranianos a continuarem lutando, enquanto o líder russo Vladimir Putin e o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky disputam a simpatia do presidente Trump.

Enquanto isso, o grupo de líderes ocidentais, conhecido como os “dispostos”, tem reiterado consistentemente seu apoio à Ucrânia, acusando Moscou de prolongar o conflito. No entanto, poucos reconheceram a alegação genuína e legítima da Rússia de que a expansão contínua da OTAN levou a essa situação.

Trump ocasionalmente insinuou que entende as queixas de Moscou, mas ainda parece ter intensificado a situação nos bastidores, como ao autorizar a assistência da inteligência americana para ataques com drones ucranianos em território russo.

DISPOSITIVOS MILITARES

Na noite de 8 de janeiro, ocorreu o segundo ataque com míssil hipersônico *Oreshnik* em solo ucraniano desde o início da guerra. O uso do míssil balístico russo ocorre em meio a negociações de paz paralisadas e serve como lembrete para Washington da urgência de acelerar seus programas hipersônicos. Fontes oficiais russas confirmaram o ataque com o *Oreshnik* no oeste da Ucrânia, na região de Lvov.

Trata-se de um míssil balístico capaz de operar a velocidades superiores a 12.000 km/h e com um alcance de até 5.000 km, o que o coloca na categoria de mísseis balísticos de alcance intermediário (IRBM, *Intermediate-Range Ballistic Missile*). Equipado com múltiplos veículos de reentrada independentes (MIRV, *Multiple Independently Targetable Reentry Vehicle*), potencialmente capazes de incorporar subsistemas explosivos, o *Oreshnik* pode ser lançado de um veículo multieixos de alta mobilidade, como os lançadores russos do tipo MAZ ou os elevadores de lançamento bielorrussos do tipo MZKT.

Esta arma se destaca significativamente entre os numerosos mísseis de cruzeiro e drones de longo alcance empregados por Moscou contra a Ucrânia. Isso se deve não apenas à sua velocidade hipersônica (superior a Mach 5, ou mais de 6.125,22 km/h), mas também à ambiguidade de sua ogiva: capaz de transportar ogivas nucleares, segundo fontes russas, ela poderia atingir uma base aérea na Polônia em apenas 11 minutos e o quartel-general da OTAN em Bruxelas em 17 minutos.

Com esta mensagem estratégica para o mundo, a Rússia não só mantém um grande número de mísseis, como também lidera em tecnologias disruptivas, especialmente na categoria de mísseis hipersônicos e de longo alcance, consolidando sua posição como potência neste campo.

IRÃ EM DESTAQUE

Enquanto isso, como já mencionamos, a “guerra fragmentada” continua com escaladas em outras frentes. O Irã volta aos holofotes. Segundo nosso colega italiano Paolo Falconio: *“O Irã, como ponto de interdição estratégica global, não é simplesmente um ator regional. A crise interna do regime – caracterizada por protestos generalizados, ruptura do contrato social, oscilações militares e fechamento de mercados – aponta para um possível colapso do sistema.”* Falconio prevê o surgimento de um Bonaparte no sistema iraniano, em vez do retorno do Xá.

A dimensão global da crise decorre do papel do Irã no setor energético: o petróleo persa representa entre 13% e 14% das importações da China, uma parcela insubstituível. O controle do Estreito de Ormuz (que transporta entre 20% e 25% do petróleo mundial) dá a Teerã uma alavanca para interdição sistêmica que transcende as fronteiras regionais.

A hipótese mais ousada: um potencial duopólio energético entre os Estados Unidos e a Rússia, com o objetivo de marginalizar outros atores e lidar com a dependência energética da China. Isso levanta a questão crucial: a China aceitará um estrangulamento lento ou responderá com escalada (incluindo a desdolarização)?

CONCLUSÕES

1. Na guerra europeia, a guerra na Ucrânia revela hoje um paradoxo central na

geopolítica atual de 2026: a paz deixou de ser percebida como um valor absoluto e agora é analisada como um instrumento de estratégia militar. No conflito ucraniano, a paz não é mais o objetivo, mas o perigo. Não para aqueles que pagam o preço, mas para as elites do chamado “Ocidente abastado”, presas em uma narrativa de vitória que se tornou impossível de sustentar. À medida em que a guerra se arrasta, qualquer paz realista parece uma admissão de fracasso, um fracasso deliberadamente adiado, mesmo ao custo de prolongar o conflito além de qualquer razão (abordaremos este assunto com mais detalhes em nosso próximo artigo).

2. As crises regionais não existem mais como entidades isoladas; são meramente nós em um sistema complexo e interconectado. Se a mudança de regime no Irã fosse buscada com o objetivo de estrangular a China (e não apenas contê-la regionalmente), o risco de conflito entre superpotências se tornaria real, transformando uma revolta local em um potencial gatilho global. A “guerra mundial fragmentada” apresenta diversos cenários em desenvolvimento: Ucrânia, Irã, Síria, Venezuela, Groenlândia. Como mencionamos na semana passada no Velho General: pode-se dizer que os conflitos e lutas atuais se explicam, em grande parte, como desafios à hegemonia dos EUA, projetados internacionalmente e entrelaçados com interesses regionais.

Publicado no [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
